

**Laan Mendes de  
Barros**

Jornalista.

Graduado em Educação Artística e em Artes Plásticas.

Doutor em Ciência da Comunicação pela USP, SP, Brasil.

É membro do grupo de pesquisa Cultura na Mídia e Mediações Culturais, pela Universidade Metropolitana de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

Professor assistente na UNESP de Bauru, SP, Brasil.

E-mail: laan.barros@faac.unesp.br

Currículo Lattes:

[http://lattes.cnpq.](http://lattes.cnpq.br/7113805002813380)

[br/7113805002813380](http://lattes.cnpq.br/7113805002813380)

**Por uma práxis da comunicação  
na formação de um  
comunicador comunicólogo**

**For a praxis of communication  
in the formation of a  
communicologist communicator**

**Por una praxis de la  
comunicación en la formación  
de un comunicador  
comunicólogo**

## RESUMO

Qual o lugar da teoria no campo da comunicação? A partir desta indagação de natureza epistemológica, este artigo revisa as tensões e articulações entre teoria e prática na constituição da disciplina Comunicação. Discute a segmentação dos cursos de Graduação de Comunicação em Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Radialismo e a ênfase na capacitação técnico-profissional que se verifica na formação do comunicador. Traz para o debate alguns elementos constitutivos das novas diretrizes curriculares do curso de Jornalismo. Articula, pontualmente, essa segmentação com a Pós-Graduação na área. Discute os movimentos de dedução e indução na construção dos conhecimentos da área e defende uma mirada dialética no exame das relações entre ciência e experiência, teoria e prática, que leve a uma práxis da comunicação.

Palavras-chave: Epistemologia. Teoria da comunicação. Formação profissional. Práxis.

## ABSTRACT

What is the place of theory in the field of communication? From this epistemological inquiry, this paper examines the tensions and connections between theory and practice in the discipline of Communication. It discusses the segmentation of Undergraduate courses of Communication in Journalism, Public Relations, Advertising, and Radio and the emphasis on technical and vocational training that occurs in the communicator's education. It discusses some components of the new curriculum guidelines of the course of Journalism and articulates this segmentation with the Postgraduate area. The paper also discusses the deduction and induction movements in the construction of the area's knowledge and advocates a dialectical examination of the relationship between science and experience, theory and practice, leading to a praxis of communication.

Keywords: Epistemology. Communication theory. Vocational training. Praxis.

## RESUMEN

¿Cuál es el lugar de la teoría en el campo de la comunicación? A partir de esta investigación epistemológica, este documento examina las tensiones y las conexiones entre la teoría y la práctica en la constitución de la disciplina Comunicación. Discute la segmentación de los cursos de Pregrado en Comunicación en Periodismo, Relaciones Públicas, Publicidad y Radio y el énfasis en la formación técnica y profesional que se produce en la formación del comunicador. Trae a la discusión algunos de los componentes de los nuevos lineamientos curriculares del curso de Periodismo y articula, puntualmente, esta segmentación con el área de Postgrado. Discute los movimientos de la deducción y la inducción en la construcción del conocimiento del área y defiende una mirada dialéctica en el examen de las relaciones entre la ciencia y la experiencia, la teoría y la práctica, lo que lleva a una praxis de la comunicación.

Palabras clave: Epistemología. Teoría de la comunicación. Formación profesional. Práctica.

Submissão: 3-4-2014

Decisão editorial: 2-7-2014

Qual o lugar da teoria no campo da comunicação?

Na conhecida obra *Para sair do século XX*, Edgar Morin (1986, p. 109) traz um capítulo com o instigante título “Saber pensar seu pensamento”. Ali ele argumenta que “saber pensar não é algo que se obtém por técnica, receita, método. Saber pensar não é só aplicar a lógica e a verificação aos dados da experiência. Pressupõe, também, saber organizar os dados da experiência” (MORIN, 1986, p. 111). A formação de um pensamento comunicacional passa pelo autoexame desse pensamento, pelo entendimento da composição desse campo de conhecimentos. Trata-se de uma ciência (social aplicada) ou de um conjunto (amplo de diversificado) de técnicas? No campo da comunicação, precisamos “saber pensar nosso pensamento”. E esse exercício remete-nos ao terreno da teoria, mesmo quando partimos de uma perspectiva mais aplicada e instrumental, quando o pensamento estrutura-se a partir da prática.

Qual o lugar da teoria no campo da comunicação? O que falar da teoria em um campo que se afirma na prática? O próprio nome da disciplina indica ação, e não reflexão; indica um objeto de estudo, e não o estudo de um objeto. Ao se adotar “comunicação” – e não “comunicologia”, como pro-

punha Vilém Flusser já nos anos 1980<sup>1</sup> – nossa disciplina parece ficar limitada a um universo de domínios técnicos, voltado ao desenvolvimento de conhecimentos que favoreçam a prática comunicativa. A maioria das pessoas que estudam comunicação, no âmbito da graduação, está interessada em comunicar-se bem em um determinado campo profissional.

Desde a implantação dos primeiros cursos de Comunicação no Brasil, ocorrida em meados do século XX, deu-se prioridade ao desenvolvimento de competências profissionais na formação dos comunicadores. Isso se fez, basicamente, a partir de demandas do mercado. Como lembra Venício de Araújo Lima (2001), no livro *Mídia, teoria e política*, o modelo de ensino de comunicação adotado no Brasil seguiu os moldes estadunidenses, de matriz funcionalista, que obedecem a uma perspectiva mais instrumental. Vera França também pontua essa gênese dos estudos de comunicação, que obedeceu a uma lógica pragmática e instrumental, com vistas ao domínio das tecnologias sempre renovadas no campo da mídia. Ela lembra que:

O próprio espaço acadêmico foi inaugurado ou estimulado por um investimento de ordem pragmática: cursos profissionalizantes na área de comunicação [...] antecederam a criação das teorias, que vieram quase a reboque, complementando a formação técnica e abrindo-a para sua dimensão humanista e social. (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 48).

---

<sup>1</sup> O termo "comunicologia" foi proposto por Vilém Flusser ainda nos anos 1980. No livro *Kommunikologie*, publicado na Alemanha em 1998, ele fundamenta o termo como uma "teoria da comunicação e da mídia".

E essa visão instrumental e profissionalizante parece ganhar nova força nos dias de hoje, quando até mesmo o nome “comunicação” vai sendo substituído, por ora no âmbito da graduação, pelos nomes das habilitações e campos de atuação dos profissionais de comunicação, em uma fragmentação entre jornalismo, radialismo, publicidade e propaganda, relações públicas etc. E isso ocorre justamente quando as dinâmicas comunicacionais tornam-se mais híbridas e complexas em razão da convergência midiática e da interconexão das pessoas e sistemas em redes.

Se a divisão da área da Comunicação no ensino de graduação já se tornou uma realidade, respaldada pelo Ministério da Educação, cabe observar se essa tendência de segmentação também se dá, e como se dá, no âmbito da pesquisa e da pós-graduação brasileira. Isso vale tanto para o *lato sensu*, que tem mesmo uma vocação de requalificação profissional, quanto para o *stricto sensu*, seja no surgimento de mestrados profissionais, seja na formulação de áreas de concentração e linhas de pesquisa dos mestrados e doutorados acadêmicos. Por certo não cabe aqui questionamentos sobre a busca de identidade e foco de cada comunidade científica, de cada programa de pós-graduação. O foco é necessário, é importante. Porém, vale verificar como a busca de especificidade articula-se com um campo de conhecimento mais amplo que se constituiu ao longo de décadas de debates e reflexões, que se afirma como disciplina e se organiza em instâncias de pesquisa e associações, como é o caso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação (Intercom) e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). É verdade que a

natureza dinâmica do campo comunicacional, por conta das transformações constantes de seus objetos de estudo e sua delimitação imprecisa, uma vez que os fenômenos comunicacionais apresentam-se para alguém e além dos contornos da mídia, por vezes nos levam à dispersão e perda de rumo. Mesmo com abertura ao diálogo interdisciplinar, são necessárias a manutenção do foco e a busca da especificidade da comunicação. No entanto, a fragmentação da área em seus setores de aplicação obedece a uma lógica demasiadamente funcional, que pode fragilizar o que já se construiu até aqui.

No campo da pesquisa, esse jogo entre abrangência e continência pode ser pensado em diferentes níveis. Conforme se vai afunilando do coletivo para o particular, o foco também se fecha. Quando se pensa nas delimitações de um campo de estudos, têm-se demarcações mais abrangentes, porém necessárias, para que a disciplina em questão possa ser caracterizada a partir de sua área de conhecimento. Quando se fala em "área de concentração" de um programa de pós-graduação, projeta-se o "guarda-chuva" temático sob o qual se reúne uma determinada comunidade acadêmica. Já as "linhas de pesquisa" fazem recortes temáticos mais específicos, que possibilitam a interlocução entre pares sobre assuntos correlatos a partir de perspectivas teóricas que se articulam. Os grupos de pesquisa delimitam ainda mais tais recortes, reunindo pesquisadores em torno de eixos e aparatos teórico-metodológicos comuns. Por fim, uma pesquisa em particular pede um foco ainda mais preciso e limitado a fim de que o empreendimento investigativo torne-se viável e consistente. Neste sentido, é natural que muitos projetos de pesquisa, em sua

singularidade, voltem suas atenções para um setor do mercado ou segmento profissional do universo da Comunicação Social, em um reflexo da grade estruturada nos cursos de graduação voltados à formação profissional. O mesmo pode ser válido para “grupos de pesquisa”, ou “linhas de pesquisa”. Mas convém que o campo mantenha-se suficientemente abrangente, de maneira que os fundamentos da comunicação, comuns aos vários setores de aplicação, possam dar sustentação à pesquisa e identidade à disciplina como parte das ciências sociais.

No caso da reformatação dos cursos de graduação da área da Comunicação, que deu início a esta reflexão, é preciso reconhecer que as novas “diretrizes curriculares nacionais para o curso de jornalismo” do Ministério da Educação – produzidas a partir do relatório de uma comissão de especialistas da área, e que envolveu um processo de consultas públicas a setores interessados – não reduzem a formação do jornalista ao domínio de instrumentos técnicos. Ao contrário, o documento revaloriza a formação crítica do jornalista e apresenta como um dos objetivos gerais do novo curso a promoção da “integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular” (BRASIL, 2013). Também prevê que o egresso do curso de Jornalismo tenha uma formação “crítica e reflexiva” que lhe permita dar conta “por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas e, por outro, dos fundamentos teóricos e técnicos especializados” (BRASIL, 2013). O que se percebe é que a nova proposta de formação do jornalista procura um equilíbrio entre as esferas da teoria e da prática, embora, com frequên-

cia, assuma uma postura funcionalista ao enfatizar a natureza instrumental desses conhecimentos e as funções sociais do jornalista.

Na concepção do projeto pedagógico dos novos cursos de Jornalismo, seis eixos confirmam essa busca de um equilíbrio entre as dimensões do pensar e do fazer comunicacional. Dois deles explicitam a importância da constituição de um referencial teórico que extrapole a dimensão profissional na formação acadêmica do jornalista: o primeiro, definido como *eixo de fundamentação humanística*, e o terceiro, *eixo de fundamentação contextual*. A valorização de uma formação humanística tem por objetivo:

capacitar o jornalista a exercer a sua função intelectual de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania, privilegiando a realidade brasileira, como formação histórica, estrutura jurídica e instituições políticas contemporâneas; sua geografia humana e economia política, suas raízes étnicas, regiões ecológicas, cultura popular, crenças e tradições, arte, literatura, ciência, tecnologia, bem como aqueles fatores essenciais para o fortalecimento da democracia, entre eles as relações internacionais, a diversidade cultural, os direitos individuais e coletivos, as políticas públicas, o desenvolvimento sustentável, as oportunidades de esportes, lazer e entretenimento; o acesso aos bens culturais da humanidade, sem descuidar dos processos de globalização, regionalização e das singularidades peculiares ao local, ao comunitário e à vida cotidiana. (BRASIL, 2013).

Enquanto que os objetivos de uma fundamentação contextual pretendem:

embasar o conhecimento das teorias da comunicação, informação e cibercultura, suas dimensões filosó-



ficas, políticas, psicológicas e socioculturais, inclusive as rotinas de produção e os processos de recepção, bem como a regulamentação dos sistemas midiáticos, em função do mercado potencial, além dos princípios que regem as áreas conexas. (BRASIL, 2013).

Se os conteúdos do primeiro eixo demandam referenciais teóricos advindos de várias disciplinas, como a Filosofia, a Sociologia, a História, o Direito, as Ciências Políticas e a Antropologia, dentre outras, o terceiro eixo (acima descrito) aponta temáticas que integram a ementa básica da disciplina Teorias da Comunicação presentes nos cursos da área espalhados pelo Brasil. Em boa medida, são essas temáticas que alimentam as reflexões desenvolvidas nas diferentes correntes teóricas da comunicação.

Reconhecemos, portanto, que as novas diretrizes curriculares para os cursos de Jornalismo não estabelecem, por si sós, uma dicotomia entre teoria e prática, entre formação humanística e técnica. Imaginamos que o mesmo irá se passar na formatação dos demais cursos que ora se desdobram da área da Comunicação na qual figuravam como habilitações: Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Radialismo. No entanto, reconhecemos também que elas criam um cenário propício para as disputas de espaço, de importância e de recursos entre os setores de que investem na fundamentação teórica ou na capacitação técnica na formação dos comunicadores, então especializados para esta ou aquela área de atuação.

A ênfase na formação profissional, plasmada na denominação dos novos cursos, que substitui o nome da disciplina Comunicação pelo nome das habilitações que dela derivavam pode alimentar preconceitos e, até mesmo, certa aversão em relação à

reflexão teórica, desestimulando a iniciação científica e o exercício da pesquisa. A adoção de denominações ainda mais focadas nas práticas comunicativas para os cursos superiores pode gerar uma expectativa ainda mais pragmática por parte dos jovens que buscam esse campo de formação. O que se esperará dos cursos? Provavelmente, a capacitação de “como fazer” comunicação de forma eficaz e competente, com o domínio das ferramentas e tecnologias que permitam a “transmissão” de mensagens de maneira a “impactar as audiências”.

É importante, porém, que esse estudante aprenda também a “pensar o seu fazer”; que ele seja estimulado a refletir dialeticamente a respeito das dimensões da teoria e da prática e seja apresentado ao mundo da ciência, de maneira que ele desenvolva uma autocrítica do que está – ou estará – fazendo. Para que o profissional de comunicação tenha uma postura ética e consciente em seu fazer, como previsto nas novas diretrizes curriculares, é preciso que sua formação o leve a ser não só um comunicador; mas também, em alguma medida, um comunicólogo.

Cabe, portanto, acompanhar a efetiva implantação da nova proposta curricular dos cursos da área da Comunicação pelas instituições de ensino, bem como avaliar como os alunos formados nessa nova concepção curricular comporão seus conhecimentos. É preciso zelar para que nesse processo não prevaleça uma visão tecnicista e instrumental em detrimento de uma formação integral, que combine teoria e prática. Caso contrário, a nova formatação dos cursos, que reforça a divisão da Comunicação em segmentos profissionais em recortes por setores de aplicação, acabará por reforçar, em sua concepção

mais simplista, a identificação de nossa disciplina no campo das “Ciências Sociais Aplicadas”. Estas, quando comparadas às chamadas ciências puras ou fundamentais, acabam ocupando categoria secundária, uma vez que estão mais voltadas ao desenvolvimento de conhecimentos técnicos a serem aplicados na prática. É preciso investir em pesquisa de qualidade que atualize e adense os conhecimentos acumulados em nossa área, em pesquisas que valorizem a teoria e ocupem-se com questões epistemológicas.

Immacolata Lopes situa a prática da pesquisa entre “um *tempo histórico*, regido pela epistemologia e a metodologia científica, e por um *tempo histórico*, regido pela sociologia da ciência ou do conhecimento” (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 29). E argumenta que, na ausência desse “fluxo e exigências internas e externas do conhecimento”, há que se

criticar e lamentar o descaso pelas questões epistemológicas nas pesquisas empíricas de Comunicação, fruto da deficiente formação em pesquisa e da herança de uma razão instrumentalizada de ciência, possivelmente a mesma que identifica a Comunicação como ciência social “aplicada” na classificação institucional em que seus estudos são rubricados. (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 29 ).

É a pesquisa que permite a afirmação de uma disciplina no universo das ciências. E a dimensão da “aplicação” dos conhecimentos nela desenvolvidos não pode ficar refém de um processo de instrumentalização dessa disciplina. Cabe, sim, a pesquisa que articule teoria e prática, que se volte ao campo como pesquisa empírica. Tal modalidade investigativa é desejável, como observa Regina Rossetti, mas não deve se limitar a um empirismo

ingênuo. Para a autora, “pesquisas empíricas em comunicação efetivamente acontecem, são possíveis e desejáveis, entretanto, deve-se estar atento a certo reducionismo técnico de um empirismo dissociado da teoria” (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 74). A partir da epistemologia de Bachelard, Rossetti propõe a articulação entre experiência e ciência, lembrando-nos que “a experiência, revestida de teoria, se estabelece como decisiva para a construção científica” (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 81) e desafia-nos:

O desafio é romper com um ponto de vista único para construir uma ciência, tão vasta e tão mutável, como a Comunicação. Uma ciência que possua pormenor epistemológico, descentramento, abertura, mobilidade e historicidade, e que seja dispersiva, distributiva e diferencial. Todas essas podem ser características interessantes para a ciência da comunicação que possui caráter social e histórico. Se a proposta é de uma epistemologia da comunicação tão móvel quanto seu objeto, é necessário penetrar nas práticas científicas, em vez de julgá-las pelo exterior.

Cabe, portanto, penetrar nas práticas científicas e reconhecer o caráter social e histórico das ciências da comunicação. E, neste sentido, é preciso compreender a dinâmica das duas instâncias sobre as quais a ciência fundamenta-se desde a sua emergência: teoria e dado empírico. Martino lembra-nos que, “se a teoria estrutura e dá sentido ao dado empírico, por sua vez, este seleciona e regula o jogo das teorias concorrentes. A articulação entre teoria e dado empírico constitui um ponto central do problema epistemológico” (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 142). Mais: reconheçamos, como sustenta Lucrécia D’Alessio Ferrara, que “ciência é, antes de tudo, uma

questão que se propõe ao mundo e aos seus objetos". Para ela,

Aqui parece alojar-se o desafio para uma epistemologia da comunicação frente aos ambientes que, definitivamente mediatizados, exigem a flexibilidade de observação, percepção, comparação, análise e interpretação de uma ciência que impõe ser menos conceitual a fim de ser possível a dialogia indispensável entre razão e emoção, entre conceito e experiência, entre ciência e experimentação, entre explicação e a transitória empiria. (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 63).

É nessa perspectiva dialógica e dialética que entendemos ser possível o desenvolvimento dos estudos da comunicação na contemporaneidade. Mas fica uma dúvida em relação à pesquisa quando se observa o processo de fragmentação da área pelos setores de aplicação. A ênfase na capacitação profissional pode levar a uma fragilização da pesquisa em nossa área, à sua limitação a um empirismo ingênuo, a uma desvinculação entre ensino e pesquisa. Ora, se a própria Comunicação carecia de um reconhecimento consensual de seu *status* científico, como disciplina autônoma, o que falar dessas novas formações? Elas poderiam ser tomadas como novas disciplinas dotadas de um referencial teórico e metodológico específico? Cuidemos para que esse processo de direcionamento dos cursos de Comunicação não gere uma dispersão da área. Mantenhamos os nexos entre as várias especialidades, ora convertidas em cursos independentes, e a identidade de nossa área de conhecimento, a Comunicação.

A "matéria-prima" dessas diferentes habilitações é a mesma. O objeto de trabalho – e, por que não dizer, o objeto de estudo – é o mesmo. Trata-se da

comunicação, seja ela de natureza informativa ou de entretenimento, mercadológica ou organizacional, impressa ou audiovisual, em sistemas analógicos ou digitais, em dimensões interpessoais, grupais ou massivas. E sua realização, de forma consciente e crítica, depende de uma boa compreensão do que são os processos comunicacionais, que envolvem, não só os âmbitos da produção e emissão de mensagens e o domínio dos meios e tecnologias que lhes dão suporte, mas também as dimensões social, cultural, política, ética e estética desses processos, que influem na formação da opinião pública e desdobram-se em dinâmicas de apropriação e produção de sentidos junto ao público receptor.

Devemos, então, buscar a superação da dicotomia entre teoria e prática, pensando dialeticamente as relações entre dedução e indução na construção do conhecimento no campo da comunicação. O caminho até aqui percorrido levava-nos do geral – a Comunicação – para o particular – cada uma das habilitações nas quais os conceitos desdobravam-se em experiência. Pensemos agora como fazer o movimento inverso, já que a ênfase na formação do comunicador aponta para o universo da prática, não nos esquecendo de realimentar e de dar maior corpo ao universo teórico da Comunicação.

## Em busca de uma práxis da comunicação

Comunicador ou comunicólogo? É possível compatibilizar essas duas dimensões do sujeito que toma a Comunicação como objeto de estudo/atuação nestes tempos em que as atenções voltam-se para a prática profissional? No contexto da contemporaneidade, marcado pela aceleração da evolução

tecnológica que altera as escalas já conhecidas de tempo histórico e espaço social, quais os desafios que se apresentam para aquele que se põe a fazer e a pensar a comunicação?

Esses questionamentos tornam-se mais complicados quando o sentido que se dá ao termo “comunicação” fica limitado ao universo da emissão das mensagens, fortalecendo o sentido instrumental do conhecimento do qual o comunicador tem a posse. Nesse contexto, a comunicação é pensada como “transmissão”, a partir do lugar de emissor. Quando o termo é tratado apenas em sua dimensão prática, na maioria das vezes a conotação que se dá à “comunicação” está limitada ao processo de desenvolvimento e distribuição de bens simbólicos, priorizando a emissão em detrimento à recepção. Ou seja, o termo “comunicação” fica limitado ao campo da *poiesis*, da produção de sentidos no polo da emissão, relegando o campo da *aisthesis*, da recepção das mensagens – e recriação dos sentidos – a um lugar marginal no processo comunicacional. Nessa linha, a emissão é o lugar da ação, enquanto a recepção fica limitada a lugar da reação.

Quando o processo comunicacional é pensado desde uma perspectiva funcionalista e instrumental, o comunicador é tomado como o agente do processo, o sujeito da ação. Já o receptor é visto como “público-alvo” – objeto – da ação que se desenvolve. Cada qual cumpre sua “função”. O “comunicador” é aquele que realiza intencionalmente – e competentemente – o ato comunicativo. Daí sua capacitação técnica, possibilitando uma prática qualificada, eficiente, profissional. E essa concepção, que pouco a pouco era superada, pode ser retomada nestes tempos de refor-

mulação dos cursos, norteadada pela formação profissional e pela valorização das práticas comunicacionais neste ou naquele mercado profissional.

Convém, pois, incorporar à comunicação o sentido de práxis, superando a dicotomia entre prática e teoria. Quando saber e fazer articulam-se, quando a prática incorpora a reflexão crítica do que se está fazendo, o que se tem é o exercício da práxis. O termo práxis, no grego, não indica a mera dimensão pragmática da produção, própria do termo *poiesis*, mais ligado ao fazer técnico; ele extrapola a noção de prática, presente no termo *praktiké*. Práxis, termo também presente no latim, implica um processo de pensamento-ação, de ação consciente, que incorpora valores e implica inserção no espaço social e tempo histórico. Pensar em práxis implica, portanto, um fazer consequente, com sentido, significado. É o *logos* – palavra, pensamento – presente de maneira consciente e crítica na *polis* – espaço-tempo da cidadania. O termo *práxis* ganha aqui um sentido mais estrito do que seu uso *lato sensu*, que o aproxima da ideia de “atividade prática”. Já na Filosofia grega, o termo práxis aparece no sentido de “ação”, e não de mera “atividade”. Aristóteles vinculava o termo práxis ao universo da ética e da política, diferentemente de *poiesis*, que, como já acentuamos acima, denominava a atividade produtiva, a produção material. Leandro Konder nos lembra de que Aristóteles, ante o binômio práxis e *poiesis*, “foi levado a conceber um terceiro tipo de atividade, cujo objetivo era exclusivamente a busca da verdade: a *theoria*” (1992, p. 98). Com isso, lembra ele, existiam “três atividades humanas fundamentais: a *práxis*, a *poiesis* e a *theoria*”. Ante o antagonismo entre teoria e prática,



muitas vezes reinante no campo da Comunicação, é preciso pensar dialeticamente. E a síntese desse confronto talvez esteja na “práxis”, que implica uma ação consciente do comunicador em seu tempo histórico e lugar social. Entre a *theoria* e a *poiésis*, tomemos a “práxis” como caminho para a formação de comunicadores-comunicólogos. E, como nos ensina Konder:

a práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrente o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática. (1992, p. 115).

É, pois, essa ação combinada com reflexão que merece a atenção daqueles que se voltam à epistemologia da comunicação. Quando existe a práxis, o comunicador é mais que objeto de estudo de outras disciplinas; ele é um sujeito humano que se afirma no mundo em um exercício constante de crítica e auto-crítica de sua ação. Não basta, portanto, o domínio das técnicas. O desenvolvimento da “práxis” depende da *theoria*. Como nos lembra Konder,

práxis e teoria são interligadas, interdependentes. A teoria é um momento necessário da práxis; e essa necessidade não é um luxo: é uma característica que distingue a práxis das atividades meramente repetitivas, cegas, mecânicas, “abstratas”. (1992, p. 116).

Ora, a teoria que se construiu até aqui em nosso campo de estudos, mesmo que ainda seja limitada, é a teoria – ou teorias – da comunicação. Por mais que

se fale em “teoria do jornalismo”, “teoria do cinema” etc., elas não se sustentam sozinhas; carecem de um arcabouço teórico maior que discuta as questões fundamentais da comunicação, essência dessas e outras áreas de aplicação. A quem interessa uma fragmentação da área? Nem ao mercado parece interessar, pois a vida contemporânea pede sujeitos livres e criativos, conscientes de sua ação. Não basta só a teoria, que isolada torna-se diletantismo quando se esgota em si mesma, tampouco só a prática, quando apoiada em um pragmatismo que adota uma visão utilitária e funcional do conhecimento técnico. Mais do que *theoria* e *poiésis* isoladas, precisamos de uma práxis da comunicação.

Vale reforçar que nossa defesa da práxis na comunicação não pretende esvaziar as dimensões da teoria ou da prática. Vázquez ensina que “teoria e prática se vinculam, e nessa vinculação seus limites são relativos, mas não desaparecem” (1977, p. 237). Ele explica:

Do papel determinante da prática – como fundamento, finalidade e critério do conhecimento verdadeiro – não se pode tirar a conclusão de que teoria e prática se identifiquem, ou de que a atividade teórica se transforme automaticamente em prática. Impede chegar a essa conclusão o fato de que a prática não fala por si mesma e exige uma relação teórica com ela: a compreensão da práxis. (VÁSQUEZ, 1997, p. 237)

**É fato:** a ideia de práxis não deve ser formulada como substituição da teoria ou da prática. Ela revaloriza as duas outras dimensões, dando a elas maior sentido. A prática torna-se mais consistente e consequente, ultrapassa a dimensão meramente técnica de um ativismo vazio. Ela permanece e ga-

nha importância. A práxis é prática, embora, como adverte Vázquez, “toda práxis é atividade; mas nem toda atividade é práxis” (1977, p. 185). A teoria ganha materialidade e poder transformador. Ela se articula com a prática de forma definitiva. Rompe-se, com a práxis, a dicotomia teoria e prática. Ainda com Vázquez, entendemos que: “uma teoria é prática na medida em que materializa através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como um conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação” (1977, p. 207).

Não cabe, portanto, alimentar o antagonismo entre teoria e prática, que se sustenta mais nos jogos de poder do interior do universo acadêmico, nos departamentos e outras instâncias universitárias, do que na efetiva identidade e tradição científica da área da comunicação. A afirmação de nossa área não se fará com a primazia da prática ou na onipotência da teoria. Como nos lembra Vera França,

A crítica à proximidade e identificação exageradas com a prática [...] produziu o excesso inverso, que é o deslocamento. O isolamento da abstração intelectual, a adoração de esquemas teóricos fechados produziram, por vezes, não apenas o distanciamento, mas mesmo o desprezo pela empiria. Ora, uma teoria que se coloca fora do horizonte da prática que a fundamenta se converte em pura abstração. A onipotência de uma teoria que abandona a referência das questões concretas e específicas da realidade comunicativa que a cerca acarreta também a perda do seu papel explicativo – e a da sua razão de ser. (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 48-49).

É a partir da ideia da práxis como síntese dialética das articulações entre teoria e prática que pro-

pomos a superação da lógica cartesiana presente na separação entre o intelecto especulativo e o intelecto prático. Uma teoria que se desliga da realidade perde suas origens e seu destino; não se justifica e não tem objetivos a alcançar. O que se projeta aqui é uma relação dialética entre reflexão e fato, em uma combinação dinâmica entre os movimentos dedutivo – da teoria à prática – e indutivo – da prática à teoria. E essa articulação colocará o egresso dos cursos de Comunicação na condição complexa de ser, ao mesmo tempo, sujeito e objeto do conhecimento que se constrói e se pratica. Cremos ser possível tirar proveito dessa sobreposição fortalecendo a formação do comunicador como alguém que faz e pensa o que faz, que pensa e faz o que pensa. Um comunicador comunicólogo. Alguém capaz de vivenciar a práxis da comunicação.

Essa vivência da práxis demandará um esforço constante para aprender mais e mais de um campo que se renova a cada instante. E aqui são valiosos os ensinamentos de Milton Santos que, ao discutir “técnica e tempo, razão e emoção”, nos lembra que:

Como todos os dias o mundo está inventando uma novidade, cada dia somos ignorantes do que são e do que valem as coisas novas. Essa criação cotidiana do homem ignorante também leva regiões inteiras a ignorar o que elas são, sempre que não conhecem os segredos do funcionamento dos respectivos objetos e ações. Quanto menos dominam esses segredos, têm menos condições de comandar a sua própria evolução e mais dirigidas de fora tendem a ser.

Esse é um grande dado do nosso tempo. Pelo simples fato de viver, somos, todos os dias, convocados pelas novíssimas inovações a aprender tudo de novo. Nunca, como agora, houve tanta necessidade de um saber

competente, para reinterpretar a lição dos objetos que nos cercam e das ações de que não podemos escapar. (1997, p. 181).

Algumas considerações a título de conclusão

Na busca de um “passaporte” para o mercado de trabalho é que a maioria dos estudantes de comunicação ingressa na universidade. Tal perspectiva acaba orientando todo o processo de formação nos cursos de graduação. Por certo, é legítimo o desejo do jovem – e mesmo de sua família – de credenciar-se para a vida profissional. Desde o processo seletivo para o ingresso na universidade, a ênfase que se dá é à habilitação no curso oferecido – jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas etc. – traduzida em uma espécie de “passaporte” para o mercado de trabalho. E isso pode ser intensificado no momento em que os cursos assumem, desde a sua denominação, o foco na formação profissional.

Não cabe, por certo, resistir à implantação desse novo modelo de formação, boicotar o processo. Vale, sim, participar dele de maneira atenta, crítica e colaborativa. Acompanhemos com cuidado a efetiva implantação das novas diretrizes nos cursos de nossas faculdades e universidades. Cuidemos para que os estudos desenvolvidos no interior de cada uma das especialidades – jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, radialismo e outras que vierem a ser definidas – transitem entre elas de maneira interdisciplinar. Valorizemos o espaço da pesquisa e da iniciação científica e procuremos superar a dicotomia entre teoria e prática a partir de uma práxis da comunicação que leve o comunicador a pensar o seu fazer e a respeitar as relações de interlocução com o receptor.

Na contemporaneidade, vivemos tempos de hibridações tecnológicas e culturais nos quais os contornos das disciplinas apresentam-se fluidos e fragmentados. As próprias profissões tornam-se menos estanques e recortadas. Elas se entrecruzam. O profissional de comunicação do século XXI precisará de competências múltiplas e vivenciará o trânsito entre áreas afins. Vivemos tempos nos quais a telefonia móvel articula-se com o rádio e a televisão, em uma sociedade globalizada, interconectada em rede; tempos nos meios de comunicação de massa sobrepõem-se a estruturas de comunicação grupal e interpessoal; em um contexto de diluição de fronteiras territoriais, das distinções entre campo e cidade, localidade e globalidade, que desestruturam as identidades culturais tradicionais. García Canclini escreveu sobre esse cenário cultural contemporâneo na obra *Culturas híbridas* (1998). E, nessa linha, queremos apostar nas possibilidades de intercâmbio das novas áreas da comunicação.

Este artigo afirma-se na possibilidade de um deslocamento do antagonismo entre teoria e prática a uma práxis da comunicação. Com ele pretendemos contribuir para o debate sobre a formação de um comunicador comunicólogo.

## Referências

BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V. de; MARTINO, L. C. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus/Compós, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 01 out. 2013 (nº 190, Seção 1, p. 26).

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, Vera (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas, e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIMA, V. A. de. **Mídia, teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LOPES, M. I. V. de. (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RICCEUR, P. **Du texte à l'action: essais d'herméneutique II**. Paris: Seuil, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

